

MANUEL BANDEIRA

POESIAS

*A CINZA DAS HORAS-CAR
NAVAL-RITMO DISSOLUTO
LIBERTINAGEM-ESTRÉLA
DA MANHÃ-LIRA DOS
CINQUENTANOS-BELO
BELO-OPUS*

10



7.ª edição

LIVRARIA JOSÉ OLÍMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR 110 — RIO DE JANEIRO — 1955

LIBERTINAGEM

NÃO SEI DANÇAR

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
Mas o cálculo das probabilidades é uma pilharia...
Abaixo Amiel!
E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.

Sim, já perdi pai, mãe, irmãos.
Perdi a saúde também.
É por isso que sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu tomo alegria!
Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira
[gorda].

Mistura muito excelente de chás...
Esta foi açafata...
— Não, foi arrumadeira.
E está dançando com o ex-prefeito municipal:
Tão Brasil!

De fato este salão de sangues misturados parece o
[Brasil...]

Há até a fração incipiente amarela
Na figura de um japonês.

O japonês também dança maxixe:
Acugêlê banzai!

A filha do usineiro de Campos
Olha com repugnância
Para a crioula imoral.

No entanto o que faz a indecência da outra
É dengue nos olhos maravilhosos da môça.
E aquêle cair de ombros...
Mas ela não sabe...
Tão Brasil!

Ninguém se lembra de política...

Nem dos oito mil quilômetros de costa...

O algodão do Seridó é o melhor do mundo?... Que me
importa?
Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilós-
[tomas.

A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
Eu tomo alegria!

Petrópolis, 1925.

O ANJO DA GUARDA

Quando minha irmã morreu,
(Devia ter sido assim)
Um anjo moreno, violento e bom,
— brasileiro
Veio ficar ao pé de mim.
O meu anjo da guarda sorriu
E voltou para junto do Senhor.

MULHERES

Como as mulheres são lindas!
Inútil pensar que é do vestido...
E depois não há só as bonitas:
Há também as simpáticas.
E as feias, certas feias em cujos olhos vejo isto:
Uma menininha que é batida e pisada e nunca sai da
[cozinha.]

Como deve ser bom gostar de uma feia!
O meu amor porém não tem bondade alguma.
É fraco! fraco!
Meu Deus, eu amo como as criancinhas...

És linda como uma história da carochinha...
E eu preciso de ti como precisava de mamãe e papai
(No tempo em que pensava que os ladrões moravam no
[morro atrás de casa e tinham cara de pau]).

PENSÃO FAMILIAR

Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçon de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:
— E' a única criatura fina na pensãozinha burguesa.

Petrópolis, 1925

A bençoadão seja o camelot dos brinquedos de tostão:
O que vende balõezinhos de côr
O macaquinho que trepa no coqueiro
O cachorrinho que bate com o rabo
Os homenzinhos que jogam box
A perereca verde que de repente dá um pulo que engraxado
E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa alguma
Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos:

— “O cavalheiro chega em casa e diz: Meu filho, vai buscar um pedaço de banana para eu acender o charuto. Naturalmente o menino pensará: Papai está malu...”

Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis com o tino ingênuo de demiurgos de inutilidades.
E ensinam no tumulto das ruas os mitos heróicos da meninice...
E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição de infância.

O CACTO

Aquêle cacto lembrava os gestos desesperados da estatua:
Laocoonte constrangido pelas serpentes,
Ugolino e os filhos esfaimados.
Evocava também o seco nordeste, carnaubais, caatingas...
Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.
O cacto tombou atravessado na rua,
Quebrou os beirais do casario fronteiro,
Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças,
Arrebentou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou a cidade de iluminação e energia:

— Era belo, áspero, intratável.

Petrópolis, 1925.

PNEUMOTÓRAX

*F*ebre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
 - Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
 - Respire.
-

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

COMENTÁRIO MUSICAL

meu quarto de dormir a cavaleiro da entrada da barra.
Entram por êle dentro
Os ares oceânicos,
Maresias atlânticas:
São Paulo de Luanda, Figueira da Foz, praias gaélicas
[da Irlanda...]

O comentário musical da paisagem só podia ser o sussurro sinfônico da vida civil.

No entanto o que ouço neste momento é um silvo agudo
de sagüim:
Minha vizinha de baixo comprou um sagüim.

POÉTICA

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expe-
diente protocolo e manifestações de aprêço ao sr.
diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicio-
nário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Tôdas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Tôdas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora
de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do aman-
te exemplar com cem modelos de cartas e as diferen-
tes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é
libertação.

CHAMBRE VIDE

Petit chat blanc et gris
Reste encore dans la chambre
La nuit est si noire dehors
Et le silence pèse

Ce soir je crains la nuit
Petit chat frère du silence
Reste encore
Reste auprès de moi
Petit chat blanc et gris
Petit chat

La nuit pèse
Il n'y a pas de papillons de nuit
Où sont donc ces bêtes?
Les mouches dorment sur le fil de l'électricité
Je suis trop seul vivant dans cette chambre
Petit chat frère du silence
Reste à mes côtés
Car il faut que je sente la vie auprès de moi
Et c'est toi qui fais que la chambre n'est pas vide
Petit chat blanc et gris
Reste dans la chambre
Eveillé minutieux et lucide
Petit chat blanc et gris
Petit chat.

Petrópolis, 1922.

BONHEUR LYRIQUE

œur de phtisique
O mon cœur lyrique
Ton bonheur ne peut pas être comme celui des autres
Il faut que tu te fabriques
Un bonheur unique
Un bonheur qui soit comme le piteux lustucru en chiffon
[d'une enfant pauvre
— Fait par elle-même.

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Q uando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração eu tinha
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava êle pra a sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Êle não se importava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

— O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira na-
[morada.

MANGUE

M angue mais Veneza americana do que o Recife
Cargueiros atracados nas docas do Canal Grande
O Morro do Pinto morre de espanto
Passam estivadores de torso nu suando facas de ponta
Café baixo
Trapiches alfandegados
Catrarias de abacaxis e de bananas
A Light fazendo crusvaldina com resíduos de coque
Há mucambas no piche
Eh cagira mia pai
Eh cagira
E o luar é uma coisa só

Houve tempo em que a Cidade Nova era mais subúrbio
[do que tôdas as Meritis da Baixada
Pátria amada idolatrada de empregadinhos de reparti-
[ções públicas
Gente que vive porque é teimosa
Cartomantes da rua Carmo Neto
Cirurgiões-dentistas com raizes gregas nas tabuletas
[avulsivas
O Senador Eusébio e o Visconde de Itaúna já se olha-
[vam com rancor
(Por isso
Entre os dois

Dom João VI plantou quatro renques de palmeiras im-
[periais)
Casinhas tão térreas onde tantas vêzes meu Deus fui
[funcionário público casado com mulher
[feia e morri de tuberculose pulmonar
Muitas palmeiras se suicidaram porque não viviam num
[píncaro azulado.
Era aqui que choramingavam os primeiros choros dos
[carnavais cariocas.
Sambas da tia Ciata
Cadê mais tia Ciata
Talvez em Dona Clara meu branco
Ensaiando cheganças pra o Natal
O menino Jesus — Quem sois tu?
O prêto — Eu sou aquêle prêto principá do centro
[do cafange do fundo do rebôlo. Quem sois tu?
O menino Jesus — Eu sou o fio da Virge Maria.
O prêto — Entoncetes como é fio dessa senhora, obe-
[deço.
O menino Jesus — Entoncetes cuma você obedece,
[reze aqui um terceto pr'êsse exerço vê.
O Mangue era simplesinho

Mas as inundações dos solstícios de verão
Trouxeram para Mata-Porcos tôdas as uiaras da Serra
[da Caricca
Uiaras do Trapicheiro
Do Maracanã
Do rio Joana
E vieram também sereias de além-mar jogadas pela res-
[saca nos aterrados da Gamboa
Hoje há transatlânticos atracados nas docas do Canal
[Grande

O Senador e o Visconde arranjaram capangas
Hoje se fala numa porção de ruas em que dantes nin-
[guém acreditava
E há partidas para o Mangue
Com choros de cavaquinhos, pandeiro e reco-reco
És mulher
És mulher e nada mais

OFERTA

Mangue mais Veneza americana do que o Recife
Meriti meretriz
Mangue enfim verdadeiramente Cidade Nova
Com transatlânticos atracados nas docas do Canal
[Grande
Linda como Juiz de Fora

BELÉM DO PARÁ

Bembelelém!
Viva Belém!

Belém do Pará pôrto moderno integrado na equatorial
Beleza eterna da paisagem

Bembelelém
Viva Belém!

Cidade pomar
(Obrigou a polícia a classificar um tipo novo de delin-
[yüente:
O apedrejador de mangueiras)

Bembelelém
Viva Belém!

Belém do Pará onde as avenidas se chamam Estradas:
Estrada de São Jerônimo
Estrada de Nazaré

Onde a banal Avenida Marechal Deodoro da Fonseca de
[tôdas as cidades do Brasil

Se chama liricamente
Brasileiramente
Estrada do Generalíssimo Deodoro

Bembelelém
Viva Belém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem.

Terra da castanha
Terra da borracha
Terra de biribá bacuri sapoti
Terra de fala cheia de nome indígena
Que a gente não sabe se é de fruta pé de pau ou ave
[de plumagem bonita.

Nortista gostosa
Eu te quero bem.

Me obrigarás a novas saudades
Nunca mais me esquecerei do teu Largo da Sé
Com a fé maciça das duas maravilhosas igrejas barrôcas
E o renque ajoelhado de sobradinhos coloniais tão bo-
[nitinhos

Nunca mais me esquecerei
Das velas encarnadas
Verdes
Azuís
Da doca de Ver-o-Pêso
Nunca mais

E foi pra me consolar mais tarde
Que inventei esta cantiga:

Bembelelém
Viva Belém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem.

Belém, 1928.

EVOCAÇÃO DO RECIFE

R ecife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado

[e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê

[na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com

[cadeiras, mexericos, namoros, risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

À distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)

De repente
nos longes da noite
um sino

Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver
[o fogo

Rua da União...
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame do dr. Fulano de Tal)
Atrás da casa ficava a rua da Saudade...
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da rua da Aurora...
...onde se ia pescar escondido
Capiberibe
— Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços re-
[domoinho sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos des-
[temidos em jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalhadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar
[a mão nos meus cabelos

Capiberibe

— Capibaribe

Rua da União onde tôdas as tardes passava a preta das
[bananas

Com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado
[era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da bôca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque êle é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos

E' macaquear

A sintaxe lusíada

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...

Meu avô morto.

Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa

[de meu avô

Rio, 1925.

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE
JORNAL

J oão Gostoso era carregador de feira-livre e morava no
[morro da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite êle chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu
[afogado.

TERESA

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto
[do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que
[o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das
[águas.

LENDAS BRASILEIRAS

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar o gatilho e não pôde.

— Deus me perdoe!

Mas o Cussaruim veio vindo, veio vindo, parou junto do caçador e começou a comer devagarinho o cano da espingarda.

A VIRGEM MARIA

Oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mor-
domo da Santa Casa e o administrador do cemitério
de S. João Batista

Cavaram com enxadas

Com pás

Com as unhas

Com os dentes

Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de
[renúncia

Depois me botaram lá dentro

E puseram por cima

As Tábuas da Lei

Mas de lá de dentro do fundo da treva do chão da cova
Eu ouvia a vozinha da Virgem Maria

Dizer que fazia sol lá fora

Dizer insistente mente

Que fazia sol lá fora.

ORAÇÃO NO SACO DE MANGARATIBA

Mossa Senhora me dê paciência
Para êstes mares para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existência
Tão mal cumprida tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

1926.

O MAJOR

○ major morreu.
Reformado.
Veterano da guerra do Paraguai.
Herói da ponte do Itororó.

Não quis honras militares.
Não quis discursos.

Apenas
À hora do enterrro
O corneteiro de um batalhão de linha
Deu à bôca do túmulo
O toque de silêncio.

CUNHANTÃ

O inha do Pará.

Chamava Siquê.

Quatro anos. Escurinha. O riso gutural da raça.

Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz no meio da testa:

— Que foi isto, Siquê?

Com voz de detrás da garganta, a boquinha tuíra:

— Minha mãe (a madrasta) estava costurando

Disse vai ver se tem fogo

Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo

Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça
na brasa

Riu, riu, riu...

Uêrêquitáua.

O ventilador era a coisa que roda.

Quando se machucava, dizia: Ai Zizus!

1927.

ORAÇÃO A TERESINHA DO MENINO JESUS

P
erdi o jeito de sofrer.

Ora essa.

Não sinto mais aquêle gôsto cabotino da tristeza.

Quero alegria! Me dá alegria,

Santa Teresa!

Santa Teresa não, Teresinha...

Teresinha... Teresinha...

Teresinha do menino Jesus.

Me dá alegria!

Me dá a fôrça de acreditar de novo

No

Pelo Sinal

Da Santa

Cruz!

Me dá alegria! Me dá alegria,

Santa Teresa!...

Santa Teresa não, Teresinha...

Teresinha do menino Jesus.

ANDORINHA

*A*ndorinha lá fora está dizendo:
— "Passei o dia à toa, à toa!"

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa...

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avô
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos êles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

MADRIGAL TÃO ENGRAÇADINHO

Ceresa, você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos.

NOTURNO DA PARADA AMORIM

○ violoncelista estava a meio do Concrêto de Schumann

Sùbitamente o coronel ficou transportado e começou a gritar: — “Je vois des anges! Je vois des anges!”
— E deixou-se escorregar sentado pela escada abaixo.

O telefone tilintou.
Alguém chamava?... Alguém pedia socorro?...

Mas do outro lado não vinha senão o rumor de um pranto desesperado!...

(Eram três horas.
Tôdas as agências postais estavam fechadas.
Dentro da noite a voz do coronel continuava a gritar:
— “Je vois des anges! Je vois des anges!”)

NA BÔCA

Seempre tristíssimas estas cantigas de carnaval
Paixão
Ciúme
Dor daquilo que não se pode dizer

Felizmente existe o álcool na vida
E nos três dias de carnaval éter de lança-perfume
Quem me dera ser como o rapaz desvairado!
O ano passado êle parava diante das mulheres bonitas
E gritava pedindo o esguicho de cloretilo:
— Na bôca! Na bôca!
Umas davam-lhe as costas com repugnância
Outras porém faziam-lhe a vontade.

Ainda existem mulheres bastante puras para fazer von-
[tade aos viciados

Dorinha meu amor...

Se ela fôsse bastante pura eu iria agora gritar-lhe como
[o outro:
— Na bôca! Na bôca!

MACUMBA DE PAI ZUSÉ

Ma macumba do Encantado
Nêgo véio pai de santo fêz mandinga
No palacete de Botafogo
Sangue de branca virou água
Foram vê estava morta!

NOTURNO DA RUA DA LAPA

A janela estava aberta. Para o quê não sei, mas o que entrava era o vento dos lupanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas cicloidais, e fragmentos do hino da bandeira.

Não posso atinar no que eu fazia: se meditava, se morria de espanto ou se vinha de muito longe.

Nesse momento (oh! por que precisamente nesse momento?...) é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacável, implacável!

Compreendi desde logo não haver possibilidade alguma de evasão. Nascer de novo também não adiantava.

— A bomba de flit! pensei comigo, é um inseto!

Quando o jacto fumigatório partiu, nada mudou em mim; os sinos da redenção continuaram em silêncio; nenhuma porta se abriu nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR. Senti que ele não morreria nunca mais, nem sairia, enquanto não houvesse no aposento nenhum busto de Palas, nem na minhalma, o que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora.

CABEDELO

Viajem à roda do mundo
Numa casquinha de noz:
Estive em Cabedelo.
O macaco me ofereceu côcos.

Ó maninha, ó maninha,
Tu não estavas comigo!...

— Estavas?...

1928.

QUATRO SONETOS DE ELIZABETH
BARRETT BROWNING

*A*mo-te quanto em largo, alto e profundo
Minhalma alcança quando, transportada,
Sente, alongando os olhos dêste mundo,
Os fins do Ser, a Graça entressonhada.

Amo-te em cada dia, hora e segundo:
À luz do sol, na noite sossegada.
E é tão pura a paixão de que me inundo
Quanto o pudor dos que não pedem nada.

Amo-te com o doer das velhas penas;
Com sorrisos, com lágrimas de prece,
E a fé da minha infância, ingênua e forte.

Amo-te até nas coisas mais pequenas.
Por tôda a vida. E, assim Deus o quisesse,
Ainda mais te amarei depois da morte.

As minhas cartas! Tôdas elas frio,
Mudo e morto papel! No entanto agora
Lendo-as, entre as mãos trêmulas o fio
Da vida eis que retomo hora por hora.

Nesta queria ver-me — era no estio —
Como amiga a seu lado... Nesta implora
Vir e as mãos me tomar... Tão simples! Li-o
E chorei. Nesta diz quanto me adora.

Nesta confiou: sou teu, e empalidece
A tinta no papel, tanto o apertara
Ao meu peito, que todo inda estremece!

Mas uma... ó meu amor, o que me disse
Não digo. Que bem mal me aproveitara,
Se o que então me dissesse eu repetisse...

Parte: não te separas! Que jamais
Sairei de tua sombra. Por distante
Que te vás, em meu peito, a cada instante,
Juntos dois corações batem iguais.

Não ficarei mais só. Nem nunca mais
Dona de mim, a mão, quando a levante,
Deixará de sentir o toque amante
Da tua, — ao que fugi. Parte: não sais!

Como o vinho, que às uvas donde flui
Deve saber, é quanto faço e quanto
Sonho, que assim também todo te inclui

A ti, amor! minha outra vida, pois
Quando oro a Deus, teu nome êle ouve e o pranto
Em meus olhos são lágrimas de dois.

Ama-me por amor do amor sómente.
Não digas: "Amo-a pelo seu olhar,
O seu sorriso, o modo de falar
Honesto e brando. Amo-a porque se sente

Minhalma em comunhão constantemente
Com a sua". Porque pode mudar
Isso tudo, em si mesmo, ao perpassar
Do tempo, ou para ti únicamente.

Nem me ames pelo pranto que a bondade
De tuas mãos enxuga, pois se em mim
Secar, por teu confôrto, esta vontade

De chorar, teu amor pode ter fim!
Ama-me por amor do amor, e assim
Me hás de querer por tôda a eternidade.

IRENE NO CÉU

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

PALINÓDIA

Quem te chamara prima
Arruinaria em mim o conceito
De teogonias velhíssimas
Todavia viscerais

Naquele inverno
Tomaste banhos de mar
Visitaste as igrejas
(Como se temesses morrer sem conhecê-las tôdas)
Tiraste retratos enormes
Telefonavas telefonavas...

Hoje em verdade te digo
Que não és prima só
Senão prima de prima
Prima-dona de prima
— Primeva.

NAMORADOS

○ rapaz chegou-se para junto da môça e disse:
— Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo,
com a sua cara.

A môça olhou de lado e esperou.

— Você não sabe quando a gente é criança e de repente
vê uma lagarta listada?

A môça se lembra:

— A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

— Antônia, você parece uma lagarta listada.

A môça arregalou os olhos, fêz exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau de sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mais triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

O IMPOSSÍVEL CARINHO

Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Quero apenas contar-te a minha ternura
Ah se em troca de tanta felicidade que me dás
Eu te pudesse repor
— Eu soubesse repor —
No coração despedaçado
As mais puras alegrias de tua infância!

POEMA DE FINADOS

A manhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida
É a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero.
E em verdade estou morto ali.

O ÚLTIMO POEMA

*A*ssim eu quereria o meu último poema

Que fôsse terno dizendo as coisas mais simples e menos
[intencionais
Que fôsse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flôres quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes
[mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

